

INÍCIO / LUSA

# Novos e incertos ventos diplomáticos sopram entre Brasil e EUA – analistas

O encontro dos Presidentes Jair Bolsonaro e Donald Trump, terça-feira em Washington, revelou que há novos ventos diplomáticos entre as duas capitais americanas, mas os analistas preferem esperar para ver para que lado sopram.

Lusa  
20 Março 2019 — 14:49

TÓPICOS

• Internacional

"**H**oje o Brasil tem um Presidente que é amigo dos EUA, que admira este país maravilhoso e quer aprofundar laços de amizade", afirmou terça-feira, em Washington, Jair Bolsonaro, enquanto desviava o olhar para Donald Trump, que acenava afirmativamente.

A concordância de Trump radica na leitura política que o Presidente norte-americano faz dos anteriores líderes brasileiros, Lula da Silva e Dilma Rousseff, a quem por várias vezes se referiu como "socialistas", uma expressão que nos EUA tem a conotação de "comunistas".

Por isso, não admira que Trump olhe para Bolsonaro como o aliado que ele não poderia ter, antes das eleições presidenciais brasileiras de 2018, e não admira que, à chegada à capital norte-americana, Bolsonaro tenha escrito na sua conta na rede social Twitter que "pela primeira vez em muito tempo um Presidente brasileiro que não é antiamericano chega a Washington".

A declaração de amizade e admiração sintetiza o esforço de mudança de atitude do Brasil face aos EUA, que Jair Bolsonaro procurou transmitir durante o encontro com Donald Trump na Casa Branca, mas que reflete igualmente a proximidade entre os dois líderes.

"Temos muitos valores comuns, admiro o Presidente Trump", afirmou Bolsonaro, que não escondeu o orgulho em ser comparado a Donald Trump, quando ouviu dizer que é o "Trump dos Trópicos".

A admiração e respeito é mútua, mas Trump preferiu centrar as declarações elogiosas mais no campo institucional do que pessoal.

"Brasil e Estados Unidos nunca estiveram tão próximos como estão agora", afirmou o Presidente norte-americano, colocando a ênfase mais no País, do que no seu líder.

Mas esta proximidade pode ser mais retórica política do que intenção real de alterar um posicionamento que, na verdade, nunca foi de grande distanciamento entre os dois países, disse à Lusa Filipe Vasconcelos Romão, professor de Relações Internacionais da Universidade Autónoma de Lisboa, recordando que já Fernando Collor tinha tido boas relações com George Bush (pai) e Fernando Henrique Cardoso com Bill Clinton.

## Novos e incertos ventos diplomáticos sopram entre Brasil e EUA – analistas

mesmo na altura do regime militar tinham sido preservadas, como seja a permissão para instalar bases militares em território brasileiro", explica Filipe Vasconcelos Romão.

O investigador diz que a vertente militar é um dos aspetos que mais relevância pode adquirir, no novo clima de entendimento, desvalorizando os riscos, que alguns média brasileiros hoje assinalavam, de a proximidade com os EUA ameaçarem a estratégia de aproximação à China.

"Na área económica, a aproximação aos EUA pode até ser apoiada pelo setor empresarial brasileiro", disse o professor da Autónoma de Lisboa.

Para Oliver Stuenkel, investigador de Relações Internacionais da Fundação Getúlio Vargas, as declarações de "admiração mútua" e as "juras de amor" são mais sinceras do lado de Bolsonaro do que de Trump, considerando que a nova fase de relações é "mais importante para o Brasil do que para os EUA".

O investigador diz mesmo que está cético sobre o que o Washington está disposto a dar a Brasília, "uma vez que o Brasil pouco tem para oferecer aos EUA".

No rescaldo do encontro na Casa Branca, a imprensa brasileira destacou as concessões que o Brasil fez aos Estados Unidos, como a isenção de vistos para a entrada de norte-americanos ou o uso comercial da base militar de Alcântara, para ilustrar "o espírito de subserviência" do Presidente brasileiro perante Trump.

"Temo que (Bolsonaro) acabe, sem se dar conta disso, a colocar-se numa postura subalterna perante Trump", afirmou terça-feira, numa entrevista a estação televisiva britânica BBC, Roberto Abdenur, que foi embaixador brasileiro nos Estados Unidos entre 2004 e 2006.

Mas Abdenur recusou a ideia de que Lula ou Dilma (que também visitaram Washington durante os seus mandatos) sejam antiamericanos.

"Diferente é que, com Bolsonaro, há uma forte possibilidade de um alinhamento automático (do Brasil) com as posições dos Estados Unidos, o que seria um afastamento do curso tradicional da política externa brasileira, que é de representar os nossos próprios interesses", explicou Abdenur.

Bernardo Pires de Lima, investigador de Relações Internacionais, não se surpreende com este realinhamento de posições entre os dois países e diz que ele é natural, desde logo para marcar as diferenças relativamente a anteriores administrações.

Em declarações à Lusa, Pires de Lima fala em três géneros de alinhamento: ideológico, que tem a ver o posicionamento político de rutura com as administrações de Barack Obama, nos EUA, e de Dilma Rousseff, no Brasil; estratégico, assente nos sinais de concertação na região sul-americana (onde a variável Venezuela é relevante); e militar, que considera ser a zona mais sensível, mas que pode ser a mais determinante, no novo clima político brasileiro.

Para Pires de Lima, as consequências desta nova atitude bilateral poderão ser melhor compreendidas quando se conhece o desfecho da substituição do embaixador brasileiro em Washington (uma escolha que estava na agenda da viagem de Bolsonaro, mas que não ficou fechada).

Os meios de comunicação brasileiros mencionam a possibilidade da escolha recair em Olavo de Carvalho, um dos principais representantes do conservadorismo brasileiro e um dos ideólogos do novo Presidente, o que dará um ângulo de maior abrangência e significado político às intenções de novo relacionamento entre os EUA e o Brasil.